

“O TORNAS-TE O QUE TU ÉS”: SUA CORRESPONDÊNCIA NO EDUCAR-SE A SI MESMO

“THE BECOME WHO YOU ARE”: ITS RELATION WITH THE
EDUCATION YOURSELF

Maria dos Remédios de Brito

Mestre e doutora em Filosofia da Educação – Universidade Metodista de Piracicaba;
Pós-doutora em Filosofia da Educação – Universidade Estadual de Campinas;
Professora adjunto III – Universidade Federal do Pará.
Belém, PA – Brasil.
mrbr@ufpa.br

RESUMO: O presente texto faz breves considerações a respeito do entendimento de Nietzsche sobre a fórmula Pindárica “*tornas-te o que tu és*”, o que leva a pensar a maneira pela qual o filósofo percebe uma educação para a singularidade. Para este estudo, toma-se como referência “*Schopenhauer como Educador*”, *Assim Falou Zarathustra*, nas seções “O convalescente” e “Na oferenda do mel” e *Ecce Homo*. Pode-se dizer que o *dictum* de Píndaros “*Tornas-te o que tu és*” toma um lugar fundamental no pensamento de Nietzsche, pois ele pode significar para esse filósofo aquilo que se relaciona ao processo de educar-se a si mesmo. Tal perspectiva de interpretação vai de encontro às concepções universalistas de formação e propõe que a grande tarefa do homem consiste em buscar o seu próprio caminho, livre da prisão do “ser é”, mas experimentando a si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Nietzsche. Singularidade. Tornas-te o que tu és.

ABSTRACT: This article makes some brief remarks on Nietzsche’s understanding in relation to the Pindaric formula “*become who you are*” that conduces to thinking on the way whereby this philosopher sees an education for the singularity. For this study, the works *Schopenhauer as educator*; *Thus Spoke Zarathustra*, sections *The convalescent* and *The honey sacrifice*, and *Ecce Homo* are used as a reference. It can say that the *dictum* of Pindar “*become who you are*” has a fundamental place in the thinking of Nietzsche, for it can mean for this philosopher that which relates to the process of educating yourself. That perspective of interpretation goes against the universalist conceptions of formation, and proposes that the great man’s task is to find his own way, free from prison of “being”, but experiencing himself.

KEY WORDS: Formation. Nietzsche. Singularity. Become who you are.

1 Proêmio

“O tornar-se o que se é” será o grande labor de Zaratustra, de Nietzsche, a sua primorosa atividade, a sua maior expressão. Educa-se a si mesmo é a sua grande convocação diante de uma cultura que padece da falta de compromisso.

Pode-se dizer que o *dictum*, de Píndaros, “Chegar a ser o que tu és” ou “Tornas-te o que tu és” ou “Torna-se o que se é”, ou ainda “Alguém que se torna o que é” toma um lugar fundamental no pensamento de Nietzsche, tanto que está presente em seus escritos da juventude, cita-se “Schopenhauer como educador”; bem como no seu texto *Assim falou Zaratustra*, nas seções “O convalescente” e “Na oferenda do mel”, e em sua autobiografia *Ecce Homo*. Píndaros tem, “como todos os poetas da idade arcaica, o sentimento intenso da fragilidade humana, mas, ao contrário deles, tem também o sentimento daquilo que o homem pode vir a ser [...]” (ROMILLY, J. 1980, p. 61).

Entrementes, aqui não há o intento de atravessar o pensamento de Nietzsche e destacar em cada obra essa fórmula tão valiosa para o pensamento desse autor sobre o qual se reflete. Quer-se ressaltar, propriamente, o que ela pode significar para Nietzsche e o que tem de importante para o subtítulo deste trabalho, que se coloca em ressonância com o processo de “educar-se a si mesmo”. Pontuar-se-ão algumas questões com o intuito de esclarecer a importância do seu entendimento, visto que isso é um dos alicerces interpretativos do presente estudo. Para tal, recorrem-se a alguns textos de Nietzsche.

2 “Chegar a ser o que tu és” ou “Tornas-te o que tu és”: algumas notas

No citado aforismo de Píndaros, “Chegar a ser o que tu és” ou “Tornas-te o que tu és”, como nos esclarece Barrenechea (1999), há uma alusão ao “ser”, há alguma coisa que leva a indicar o que seja a “natureza” do homem. No entanto, é sabido que na filosofia de Nietzsche essas questões não são vistas com crédito. Há em Nietzsche uma crítica profunda a

toda noção de “ser”, de “natureza”, tudo que seja “substancial” no indivíduo. No entanto, há que se perguntar: em que sentido as questões do “ser” ou da “essência” podem ser compreendidas nessa frase representativa de Píndaros, acolhida por Nietzsche com tanto gosto e apreciação? Para responder a essa questão, tentar-se a explicitar como essa frase é entendida por Nietzsche.

Ora, o “Chegar a ser quem tu és” também parece demandar algo que leva à compreensão da realização, chegar a algum lugar, dirigir-se, ir na direção de algo. No entanto, esse “chegar a ser quem tu és” não está posto para ser apenas aceito e confirmado. Citando Barrenechea:

[...] esse chegar a ser não é indefinido, não é arbitrário nem circunstancial. Pois o que devemos chegar a ser, conforme a proposição aludida? “O que tu és”, diz a segunda parte do aforismo. Aqui é afirmada a articulação entre o homem e a vida, entre o mais íntimo e o mais exterior, entre a liberdade e a necessidade. Embora a frase diga que é necessário “chegar ao que tu és” – o que parece aludir uma “essência” fixa –, o verbo sublinhado que o nosso “ser” está sempre em suspenso e em vias de realização. “O chegar a ser” indica um trânsito, um caminho a percorrer. (BARRENECHEA, 1999, p. 145).

Esse caminho a percorrer, essa trilha da qual se necessita, esse apego de querer chegar a algo, ao entendimento, à compreensão de si, à necessidade de um tal reconhecimento e sobre si mesmo, daquilo que se possa identificar, tudo isso não está de antemão constituído, ele nos indica que chegar a “ser” “o que tu és” está sempre em suspensão, torna-se sempre uma promessa, um caminho, uma disposição e, portanto, não é algo que se queira pronto, mas algo que deveria ser lido como uma expedição em que a vida e o mundo fossem vistos não como dados e já constituídos, e isso vai de encontro ao tipo de formação que já dá tudo pronto, interpretado e padronizado, não sendo mais possível de ser lido e criado.

É possível mesmo, como acrescenta Barrenechea (1999, p. 145), que os indivíduos se afastem de seus caminhos, daquilo que mais se deseja ou se quer para si como algo realizador, que as tendências mais

profundas sejam desviadas a favor de outras, que não seja o que se é. Há determinadas circunstâncias que afastam de todos aquilo que eles mais sonham, o que de todo modo não é maléfico, não é negativo para a formação, pois, se todo indivíduo já soubesse com toda certeza onde chegar e o que se tornar pelo que se vive, pelo que se experimenta, pelo que se quer, colocam-se as frases “chegar a ser o que tu és” ou “tornas-te o que tu és” uma tautologia, acaba-se sempre sendo o que se é, isso seria colocado como algo já dado e perderia toda a criação e a busca de toda a formação. Mas, Nietzsche não empobrece o *dictum* de Píndaros, ele mesmo não é um pensador para tal feito. Para “chegar a ser o que tu és”, compreende Nietzsche, seria necessário mesmo saber conviver com o próprio desconhecido em cada indivíduo e na vida, nos acontecimentos, na história de cada um, em tudo aquilo que possa ser experiência, vivência, sem com isso negar a necessidade de saber, de conhecer, de formular, de dar nomes, o que faz parte da própria necessidade do homem. É muito mais fácil para ele pensar que pode ter a sua vida sob seu controle. No entanto, Nietzsche em “Assim falou Zaratustra”, propõe sem receio, por meio do personagem Zaratustra é a coragem de saber viver a vida sem fundamentações, sem bases sólidas. Pode-se inferir que o mundo zaratustriano é sem fundo¹, na plena perspectiva de se ver sob a mira do vir-a-ser.

Com isso, distancia-se, daquele tipo de formação que compreende que o indivíduo deve ser descoberto, que algo deve ser posto para fora, ou que no processo educativo há uma organicidade a ser formatada, ou linearidade a ser instituída. Para Zaratustra, por exemplo, o “chegar a ser o que tu és” confirma-se bem melhor diante da metáfora do andarilho, ou seja, o formativo não tem um porto seguro, um lugar estável a ser encontrado, ele se faz em andanças e por andanças.

Agora é possível responder à pergunta anterior: o “ser”, ou a “essência”, não é algo que está nas profundezas de cada indivíduo e que precisa ser desvelado e descoberto, que tem uma origem a ser vista. Ao contrário, o que se pode chamar de “ser”, ou “essência”, encontra-se em certa temporalidade de realizações humanas, de experiências sentidas e, a cada momento estabelece sua força, seu comando, ao mesmo tempo em que, a cada vivência, a cada história vivida e contada, o seu “ser” se transforma e se altera.

O que se pode chamar de “ser”, sempre caminha diante de sua aparência, daquilo que não se sabe certamente, que não se define visivelmente, que não se pode enxergar com segurança, que não se pode ver e ter em totalidade. Então, o “ser” está envolvido no seu vir-a-ser, na sua mudança, no seu desdobramento. Daí a ideia de ir para além da formação, que pensa o indivíduo como determinante e fixável. Não que Nietzsche negue ação, o que ele despreza é o modo de formação reinante. Assim, entende Nietzsche nessa frase, que lhe parece tão apropriada para designar o que “seja educar-se a si mesmo”, ou seja, aprender a trabalhar com um corpo que se permite transitar na atividade, na liberdade, na heterogeneidade; um corpo que possa “brincar” com os sentidos, com o gosto e com a imaginação; que esteja para além de um corpo atrofiado. Mas isso não quer dizer banalização, da falta de rigor e de disciplina, mas construção de si.

3 Chegar a ser o que tu és corresponde educar-se a si mesmo

A ideia do “chegar a ser o que tu és”, que se coloca como título deste trabalho, tem como correspondência a “ideia de educar-se a si mesmo”, ou seja, representa a singularidade de alguém que se constitui, que se cultiva, que se espiritualiza em suas mais altas capacidades, que se desenvolve, que se experimenta em certa perspectiva de tempo, mas que se põe, sobretudo, diante do jogo da vida, ou seja, estar se tornando sempre novamente é uma promessa que não se cumpre, é uma dobra que sempre dobra, é uma expropriação. Diz Nietzsche em *Ecce Homo*,

Que alguém se torne o que é pressupõe que não se suspeite sequer remotamente o *que é*. Desse ponto de vista possuem sentimento e valor próprios até os *desacertos* da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as “modéstias”, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além da tarefa. (NIETZSCHE, § 9, 1995, p. 48).

Isso requer toda ação educativa que visa, sobretudo, à superação do indivíduo para suas capacidades mais nobres e sublimes sem querer fixá-lo

ou expo-lo diante de algo menor para o maior, do inferior para o superior, porque na relação processual de formação não há escala, pois tudo que se apresenta pode ser contribuição para educar-se. Acredita-se que, nesse sentido, por exemplo, Zaratustra encaminha seu aprendizado nessa configuração. É por isso que ele pode ser visto como educador, primeiramente, de si mesmo.

[...] a temporalidade da *Bildung*, uma temporalidade que não tem uma forma linear, digamos progressiva, na qual os acontecimentos anteriores repercutem sobre os posteriores, mas uma forma permanentemente reflexiva na qual são os acontecimentos posteriores, e as formas de consciência posteriores, os que repercutem sobre os anteriores, em um processo constante de ressignificação [...] o modo como essa dobra ocorre em Nietzsche não tem a forma de um último recolhimento em si, de uma última auto-apropriação, mas, melhor dizendo, de uma explosão, de um estouro, de uma expropriação. (LARROSA, 2002, p. 53-54).

Em Zaratustra, portanto, a ideia clássica de *Bildung*, em que se fala da passagem de alguém de um estágio de ignorância a outro de conhecimento, de certa linearidade no percurso constitutivo, ou mesmo, a ideia de formação de um caminho a ser dado, progressivo, para “chegar a ser o que tu és”, é, efetivamente, “destruída”. Se a ideia de “educar-se a si mesmo” remete ao “chegar ser o que tu és”, isso em Zaratustra não quer visualizar um caminho pronto, acabado, um caminho retilíneo, como fora posto anteriormente. Em *Assim falou Zaratustra*, por exemplo, o personagem central se expropria de si mesmo, lança-se a inquietação. O “chegar a ser o que tu és” dá-se em um espaço de tempo que não se determina como acabado, pois como o próprio Nietzsche coloca em uma passagem de sua obra “Schopenhauer como educador”, §1: “Um homem nunca se eleva mais alto, senão quando desconhece para onde seu caminho poderia levá-lo.” (NIETZSCHE, 2003, p. 141): Há uma certa necessidade de lançar-se para a vida. Mais adiante ele indaga,

[...] como nos encontrar a nós mesmos? Como o homem pode se conhecer? Trata-se de algo obscuro e velado; e se a lebre tem sete peles, o homem pode bem se despojar setenta vezes das sete peles, mas nem assim poderia dizer: “Ah! Por fim, eis o que tu és verdadeiramente, não há mais o invólucro. (NIETZSCHE, 2003, p. 141).

Nietzsche procura sugerir o que é formativo no homem e é exatamente essa possibilidade que ele tem para ser múltiplo, para dobrar-se sobre si mesmo, que o torna, apesar de tudo, belo, dando a entender que o “chegar a ser” pressupõe estar imbuído de um sentido aberto, de reavaliação, de criação, para submeter e reconfigurar outros valores para si mesmo, constantemente. O que está se tornando não é definido, ou seja, consiste em enfrentar o que é desconhecido. É se por como um andarilho; aquele que se permite a novas brisas e noites.

O imperativo de Píndaros é lido por Nietzsche dessa forma: alguém que está se tornando, que não está acabado, nem pretende isso, é uma espécie de auto-promessa, de uma auto-exigência sem conteúdo, sem determinação. Há na própria perspectiva de formação em *Assim falou Zaratustra*, esse desdobramento, que não se contenta com a passividade e com a conservação; há uma ebulição criativa que se movimenta no interior da obra para além da dogmatização, da certeza determinada; há uma vontade para avançar, mesmo que esse avanço se mobilize entre a negação e a afirmação. Nesse sentido, a *Bildung* zaratustriana remete à ideia de que “educar a si mesmo” é um “chegar a ser o que tu és”. Tal imperativo não mobiliza um acabamento, algo estável, mas é pontual, múltiplo e perspectivo, tanto para ele, como para seus leitores.

Ele ensina, por meio de sua formação, que se precisa pensar contra este tempo, contra os valores, a cultura, a educação. Esta última, através de seus métodos e educadores, acha-se suficientemente capaz de produzir “eus” delimitados, violentando toda forma de singularidade dos homens, chegando a contribuir cada vez mais para a constituição de um homem sem qualidade, sem força nem comando. Zaratustra esarteja sem piedade a formação dos modernos e leva a pensar que a *Bildung* deste tempo retrata as forças reativas, antivida. A favor disso, em *A gaia ciência*, por exemplo, no aforismo § 335, Nietzsche caracteriza as forças minguantes.

Ao contrário, a sua perspectiva de “chegar a ser” calça-se nas possibilidades ativas, impulsionadoras da vida. Por isso, esclarece a necessidade de se fomentar a constante verificação, ou seja, a avaliação de todos os valores e a própria possibilidade de afirmação de sua educação para além dos valores danificados e pobres, ficando efetivamente claro que para Nietzsche o educar-se tem confluência no “tornar-se o que se é”. “Quantas pessoas existem e que sabem observar? E, entre as poucas que sabem – quantas observam a si mesmas? ‘Cada qual é o mais distante de si mesmo!’ [...]” (NIETZSCHE, 2001, p. 222).

Há nesse aforismo, por parte de Nietzsche, um reconhecimento de que a *Bildung* de sua época é empobrecedora, incapaz de fazer com que o homem possa pensar, observar a si mesmo ou, melhor dizendo, “chegar a ser o que tu és”, porque o indivíduo parece diluído na massificação e na superficialidade vulgar. Há uma certa distância para tudo aquilo que necessita de refino e cuidado. E, no transcorrer do mesmo aforismo, ele vai procurar falar da consciência, daquilo que aparentemente o indivíduo conduz para algum lugar, que atravessa o juízo e a moral, aquilo que pode constituir sujeitos. Cito-o: “[...] quando um homem julga ‘*Isso está certo*’, depois conclui ‘*Por isso tem de acontecer*’, e faz o que assim reconheceu como certo e definiu como necessário – então a essência do seu ato é ‘*moral*’!” (NIETZSCHE, 2001, p. 222, grifos do autor). Continua Nietzsche no seu propósito de demonstrar a reatividade por meio de uma consciência moralizadora.

[...] – Mas por que você *ouve* o que fala a sua consciência? E até que ponto você tem o direito de considerar um juízo verdadeiro e infalível? Para essa *crença* já não há consciência? Você nada sabe de uma consciência intelectual? De uma consciência por trás de sua “consciência”? Seu julgamento “Isso está certo” tem uma pré-história nos seus impulsos, inclinações, aversões, experiências e in experiências, “*Como surgiu isso?*”, você tem de perguntar, e ainda: “*O que me impele a dar ouvidos a isso?* Você pode ouvir as ordens dele como um bom soldado escuta as ordens do oficial. Ou como uma mulher que ama quem dá as ordens. Ou como um adulator e covarde que receia aquele que ordena. Ou como um imbecil, que acompa-

nha porque nada tem a objetar. Em suma, há muitas maneiras de dar ouvidos à sua consciência [...] (NIETZSCHE, 2001, p. 223, grifos do autor).

Nietzsche responde que o indivíduo ouve a sua consciência como um soldado obediente ou como uma mulher que ama a quem dá ordens, como um covarde, um adulator, um imbecil. Há várias formas de se ouvir a consciência. Mas, ressalta que o importante é como se ouve tal juízo, com a voz da consciência é que se pode dizer se algo está realmente certo. Como a certeza de algo pode ser? Nietzsche levanta a suspeita de que nunca se tenha meditado sobre si mesmo e que se acolhem muitas coisas, determinados valores, desde a infância, cegamente, sem se questionar, sem se perguntar qual seja o valor de tal coisa.

É assim que se diz o que é “certo”, porque lhe parece a sua própria “condição de existência”. Dessa forma, diz Nietzsche ainda na *A gaiia ciência*: “A firmeza de seu juízo moral poderia ser prova justamente de mesquinhez pessoal, da falta de personalidade; sua “força moral” poderia nascer de sua teimosia – ou de sua incapacidade de ver novos ideais!” (NIETZSCHE, 2001, p. 223, grifo do autor). Nietzsche quer chamar atenção para o fato de que os instintos, as inexperiências, as experiências, as vivências, constituem a base do inconsciente, daquilo que se chama consciência. O que se chama “chegar ser ao que se é” está cheio de histórias, de circunstâncias, de imposições, de dores, de pressupostos, que precisam ser reavaliados, reconstituídos, repostos, ou desmontados. Cito-o: “[...] se você tivesse pensado com maior finura, observado melhor e aprendido mais, em nenhuma circunstância você chamaria mais de dever e consciência a este “dever” a esta sua “consciência” [...]” (NIETZSCHE, 2001, p.223, grifos do autor).

Se há muitas formas de se obedecer à consciência uma delas é como um soldado obediente, ou seja, reativo, cativado, manso, pobre em força e em criação, falta em si mesmo o comando, a ousadia, a força. Claramente, Nietzsche propõe que avaliar e valorar demandam tanto a força reativa, quanto uma força ativa provedora. No entanto, são as forças de rebanho que se colocam como verdade e certeza, que contribuem para instituir uma formação pobre, sem vida nem cor, pois são elas que efetivam a força do imperativo: “Tu deves”, que se desdobra na mesquinhez, no egoísmo gros-

seiro, em tudo que seja débil. Essa perspectiva reativa quer que se acredite que “chegar a ser o que tu és” está preso aos valores dados, às linguagens criadas e fixadas, e que, portanto, não se pode perguntar, indagar, duvidar e desapropriar-se dos valores postos e dados. A perspectiva reativa quer que se pense que o homem já tem uma natureza dada, sem possível modificação. O que vale é sua aceitação cega. A tradição induz a isso, a perspectiva moralizante de formação quer que assim se pense e se aceite. Por isso diz em *A gaia ciência*:

Nós, porém, *queremos nos tornar aquilo que somos* – os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos! E para isso temos que nos tornar os melhores aprendizes e descobridores de tudo que é normativo e necessário no mundo: temos de ser *físicos*, para podermos ser *criadores* neste sentido [...]. (NIETZSCHE, 2001, p. 224, grifos do autor).

Ou seja, sair da condição de rebanho e promover para si mesmo o seu valor e a sua lei fazem parte da *Bildung* de Nietzsche. “O tornar-se o que é” encaminha-se para a capacidade de mobilidade. Por isso, a física simboliza a capacidade de distinguir, discernir. Por outro lado, o indivíduo precisa exercitar a arte de criar para poder esculpir outros valores e sentidos para si mesmo. Assim, o “educar-se a si mesmo” requer que cada um “torne-se aquilo que é”. Para tanto, é preciso saber entender, fundamentalmente, a relação entre aquilo que se necessita e aquilo que precisa ser exercido como liberdade. O torna-se caminha entre essas duas linhas que se entrecruzam, daí ser importante fazer com que o indivíduo tome para si sua própria lei e comando, que faça consigo o que lhe é próprio e necessário, sem negar a si mesmo e a sua criação, a sua liberdade de reasumir sempre outras perspectivas e valores. Esse é o seu desafio diante da preguiça reinante.

Ainda em *A gaia ciência*, no aforismo § 290, intitulado: “*Uma coisa é necessário*– “Dar estilo” a seu caráter – uma arte grande e rara!” (NIETZSCHE, 2001, p. 195, grifo do autor). Nietzsche entende que se tornar “o que se é”, por vezes é uma arte, demanda o processo criador para aquele que se permite dar a si mesmo um estilo. No aforismo § 299, inti-

tulado *O que devemos aprender com os artistas*: “[...] afastarmos das coisas até que não mais vejamos muita coisa delas e nosso olhar tenha de lhes juntar muita coisa *para vê-las ainda* [...]” (NIETZSCHE, 2001, p.202, grifo do autor), ou seja, aprender que as coisas têm, assim como qualquer indivíduo, várias entradas, que podem ser vistas a partir de várias janelas e olhares. Ninguém está determinado, todos estão se tornando, e isso obriga a quem vê permitir-se ver sempre a partir de vários ângulos. Ele diz nesse mesmo aforismo,

[...] devemos a aprender com os artistas, e no restante ser mais sábios do que eles. Pois neles esta sutil capacidade termina, normalmente, onde termina a arte e começa a vida; *nós*, no entanto, queremos ser os poetas-autores de nossas vidas, principian-do pelas coisas mínimas e cotidianas. (NIETZSCHE, 2001, p. 202, grifo do autor).

O “torna-se o que se é” exige que cada um se preocupe com seu cultivo e cuidado, para ser artista e criador de si mesmo, o que é bem visualizado por Zaratustra, pois ele reconhece que só há capacidade de educar-se, quando se é capaz de fazer de si mesmo um percurso de criação. Daí a ideia de viagem, de enfrentamento, de se permitir entrar no trágico da vida que requer, antes de tudo, que se poetize, ou seja, que se possa criar para dar à vida novos sentidos e linguagens.

Nietzsche quer mostrar que não há um “ser”, mas, ao contrário, o seu “vir-a-ser”. Por isso, a ideia do artista, do poeta, porque essas duas imagens são transfiguradoras de mundos e de valores. São efetivamente destruidoras, ou seja, criadoras, por conseguinte. Dessa forma, a imagem da criação, por exemplo, atravessa todo o Zaratustra de Nietzsche, porque equivale a pensar a perspectiva da criação. A *Bildung* zaratustriana se entranha na arte criadora da própria vida, pois para chegar a ser, antes de tudo, precisa-se da liberdade de criar para que o seu martelo seja exercitado, já que esse instrumento representa tanto a criação como a destruição.

Se o educar está ao lado da invenção, não há uma realidade dada, um sujeito para ser alcançado, uma objetividade a ser percorrida. Há um lançar-se abertamente à viagem de si mesmo, sem receio e sem verdades, pois:

O “chegar a ser o que se é” não está agora do lado da lógica identitária do auto-descobrimento, do auto-conhecimento ou da auto-realização, mas do lado da lógica desidentificadora da invenção. Uma invenção, não obstante, que não se pensa a partir da perspectiva de liberdade criadora do gênio, da soberania de um sujeito capaz de criar-se a si mesmo, mas a partir da perspectiva da experiência ou, melhor, da experimentação. (LARROSA, 2002, p. 66).

É essa a aventura que Nietzsche sugere como sendo a grande tarefa da arte de viver. Que o homem busque o seu próprio caminho, sua própria experiência. Por outro lado, ele se contrapõe de forma radical aos enquadramentos identitários, coercitivo e igualitários que só tendem a interdições vitais, pois a realização de si independe dos grandes ideais. Isso, talvez, seja o grande desafio para educação pensar uma formação a partir dos modos da invenção, uma invenção que parta necessariamente da singularidade e não das universalidades, aquele que exercita a si mesmo. Portanto, Nietzsche faz um convite ousado para aqueles que não receiam a experimentação. Experimentar, isso deve ser a nova perspectiva para a educação. Eis o desafio para as novas gerações de educadores.

Nota

1. Sobre essa questão há um texto interessante intitulado “O mundo sem fundo de Zaratustra” (JULIÃO, 2003).

Referências

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Ecce homo: a arte de “chegar a ser o que se é”. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de.; PIMENTA NETO, Olimpio José. *Assim Falou Nietzsche*. (Org.). Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

JULIÃO, Nicolao José. *O mundo sem fundo de Zaratustra*. São Paulo: 2003. (Cadernos Nietzsche n. 15).

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Así habló Zaratustra*: Un libro para todos y para nadie. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

_____. *Ecce Homo*: Como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Schopenhauer como educador. In: *Escritos sobre Educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

ROMILLY, Jacqueline. *Fundamentos de Literatura Grega*. Rio de Janeiro: Editores, Zahar, 1984.

Recebido em 27 out. 2010 / Aprovado em 17 jan. 2012

Para referenciar este texto

BRITO, M. R. “O tornas-te o que tu és”: sua correspondência no educar-se a si mesmo. *EccoS*, São Paulo, n. 27, p. 131-143. jan./abr. 2012.

